

DISCUSSÕES INTERDISCIPLINARES NO CAMPO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

**CARLOS ANTONIO DE SOUZA MORAES
(ORGANIZADOR)**



Atena
Editora

Ano 2020

DISCUSSÕES INTERDISCIPLINARES NO CAMPO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

**CARLOS ANTONIO DE SOUZA MORAES
(ORGANIZADOR)**



Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

D611 Discussões interdisciplinares no campo da ciências sociais aplicadas
 1 [recurso eletrônico] / Organizador Carlos Antonio de Souza
 Moraes. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-85-7247-945-5
 DOI 10.22533/at.ed.455202101

1. Ciências sociais. 2. Investigação científica. 3. Pesquisa social.
 I. Moraes, Carlos Antonio de Souza.

CDD 300.72

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Obra “Discussões Interdisciplinares no Campo das Ciências Sociais Aplicadas” objetiva promover o debate científico através de problematizações totalizando 50 capítulos. De forma geral, a obra tem, predominantemente como linha condutora, o tema da desigualdade social e das políticas públicas. A desigualdade abordada, em alguns capítulos, a partir do debate em espaços urbanos e rurais, problematizando nestes espaços, a participação de sujeitos sociais, com destaque para as mulheres, assistentes sociais, profissionais de educação, estudantes, trabalhadores rurais, homossexuais, imigrantes, dentre outros. Tais estudos foram desenvolvidos em instituições de ensino e pesquisa de diferentes regiões do Brasil, que apresentam análises pautadas em relevância acadêmica e impacto social, possibilitando-nos sua categorização em 2 volumes e 10 blocos, a saber:

O primeiro bloco do volume 1, compreendido entre o capítulo 01 e 09, problematiza a desigualdade social, as migrações contemporâneas e as políticas públicas; o segundo, organizado entre os capítulos 10 e 14 aborda temas vinculados ao trabalho precário, suas implicações para a saúde dos trabalhadores, além do exercício profissional de assistentes sociais em hospital. Posteriormente, o bloco 03, problematiza, entre os capítulos 15 e 19, a violência obstétrica, sexual, psicológica e física sofrida por mulheres, bem como, aborda, a qualidade de vida de estomizados. O bloco 04 discute, entre os capítulos 20 e 23, a gestão estratégica e o diagnóstico organizacional centrados no reconhecimento institucional, na eficiência administrativa e no capital psicológico.

O bloco 05 do volume 2, compreendido entre os capítulos 01 e 12 apresenta significativas contribuições sobre o debate da cidade, do planejamento urbano, da mobilidade urbana e da segurança pública. O bloco 06 aborda, entre os capítulos 13 e 16, o rural, as práticas e a produção agrícola. O bloco 07, compreendido entre os capítulos 17 e 18, discute a agroindústria e o agronegócio da avicultura; O bloco 08, problematiza entre os capítulos 19 e 23, elementos vinculados a educação básica, ao ensino médio, técnico e superior. Posteriormente, o bloco 09 apresenta, entre os capítulos 24 a 26, estudos que mediam o debate da educação com a cultura, além daqueles relacionados à arte, a diplomacia midiática e o jornalismo internacional; Por fim, o bloco 10, organizado no capítulo 27, recorre a sociologia da arte, para reconstruir a trajetória de juventude do poeta e intelectual, Ferreira Gullar.

Para construção dos capítulos, metodologicamente, os autores recorreram a pesquisas bibliográficas, empíricas, estudos de caso, dentre outros, a fim de contribuir para descortinar aparências e fundamentar o conhecimento de todos aqueles que se interessam pelos temas ora apresentados.

Por fim, o livro que o leitor tem em mãos, merece sua leitura atenta e cuidadosa,

capaz de germinar novas perguntas de pesquisa e contribuir para construção de novos tempos, por meio do enfrentamento da desigualdade social e do fortalecimento da democracia, da justiça social, dos direitos humanos, da política pública e do empenho no enfrentamento da violência e da discriminação, temas abordados ao longo deste volume e que nos desafiam para a tarefa de repensar o mundo.

Carlos Antonio de Souza Moraes

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS: DIREITOS HUMANOS E INSERÇÃO SOCIAL NO CONTEXTO REGIONAL DO VALE DO PARANHANA (RIO GRANDE DO SUL, BRASIL) | |
| Aleteia Hummes Thaines Daniel Luciano Gevehr Dilani Silveira Bassan | |
| DOI 10.22533/at.ed.4552021011 | |
| CAPÍTULO 2 | 14 |
| ANÁLISE PADRONIZADA DO IDHM NA AMAZÔNIA LEGAL NO FINAL DO SÉCULO XX E ÍNICIO DO SÉCULO XXI | |
| Aline dos Santos Pimentel Abner Vilhena de Carvalho Rhayza Alves Figueiredo de Carvalho Jarsen Luis Castro Guimarães | |
| DOI 10.22533/at.ed.4552021012 | |
| CAPÍTULO 3 | 26 |
| UMA COMPARAÇÃO DE POBREZA, CRESCIMENTO E DESIGUALDADE ENTRE AS MESORREGIÕES METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE E ZONA DA MATA | |
| Stela Rodrigues Lopes Gomes Matheus Gomes do Carmo de Souza Alex Eugênio Altrão de Moraes | |
| DOI 10.22533/at.ed.4552021013 | |
| CAPÍTULO 4 | 46 |
| A PERSPECTIVA DA POBREZA NA CAMPANHA DE ACM NETO DE 2012 E AS POLÍTICAS DE ENFRENTAMENTO | |
| Daniele do Nascimento Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.4552021014 | |
| CAPÍTULO 5 | 66 |
| FINANCIAMENTO DO SETOR PÚBLICO E “CRISE FISCAL” NA RECESSÃO DE 2015 E 2016: UMA ABORDAGEM NEOCARTALISTA | |
| Luiz Alberto Marques Vieira Filho | |
| DOI 10.22533/at.ed.4552021015 | |
| CAPÍTULO 6 | 88 |
| POLÍTICAS PÚBLICAS DE SEGURIDADE SOCIAL: A NECESSIDADE DE AMPLIAÇÃO DA PROTEÇÃO SOCIAL COMO FORMA DE CONCRETIZAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS | |
| Priscilla Paola Severo Clovis Gorczewski | |
| DOI 10.22533/at.ed.4552021016 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 7 | 101 |
| ACESSO DO PEQUENO PRODUTOR RURAL DO MUNICÍPIO DE GODOY MOREIRA /PR, À APOSENTADORIA POR IDADE NA CONDIÇÃO DE SEGURADO ESPECIAL NO REGIME GERAL DA PREVIDÊNCIA SOCIAL | |
| Huama Maximo Elizete Conceição Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.4552021017 | |
| CAPÍTULO 8 | 112 |
| UNIÃO HOMOAfetiva: DO PATRIARCALISMO À LEGALIZAÇÃO | |
| Marina Quirino Itaborahy Julie Affoso Novaes Victória Penha de Oliveira Fernanda Lourenço da Silva Gustavo Schaper Lima | |
| DOI 10.22533/at.ed.4552021018 | |
| CAPÍTULO 9 | 126 |
| A MATERIALIDADE DAS EXPRESSÕES DA “QUESTÃO SOCIAL”: UMA ANÁLISE DO ENCARCERAMENTO FEMININO A PARTIR DO CENTRO DE REEDUCAÇÃO FEMININO “MARIA JÚLIA MARANHÃO” EM JOÃO PESSOA/PB | |
| Camila Luana Teixeira Freire Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida | |
| DOI 10.22533/at.ed.4552021019 | |
| CAPÍTULO 10 | 137 |
| MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO: UMA ANÁLISE DOS VALORES CULTURAIS DE UMA ORGANIZAÇÃO ATRATIVOS PARA ÀS MULHERES | |
| Inácio Ferreira Façanha Neto Josanne Cristina Ribeiro Ferreira Façanha | |
| DOI 10.22533/at.ed.45520210110 | |
| CAPÍTULO 11 | 151 |
| TRABALHO PRECARIZADO: OS EFEITOS NA SAÚDE DA CLASSE TRABALHADORA | |
| Jéssica Pereira Cosmo da Silva Larissa dos Santos Ferreira Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida | |
| DOI 10.22533/at.ed.45520210111 | |
| CAPÍTULO 12 | 162 |
| O ADOECIMENTO DO TRABALHADOR E DA TRABALHADORA FABRIL EM TEMPO DE NOVA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS USUÁRIOS DO CEREST/JP | |
| Jéssica Pereira Cosmo da Silva Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida | |
| DOI 10.22533/at.ed.45520210112 | |

CAPÍTULO 13 174

COMPLIANCE: ENFRENTAMENTO DAS PATOLOGIAS CORRUPATIVAS E RESPONSABILIZAÇÃO DAS EMPRESAS PELA CADEIA PRODUTIVA NO MUNDO DA MODA

Maira Angélica Dal Conte Tonial
Jacson Bacin Vicente

DOI 10.22533/at.ed.45520210113

CAPÍTULO 14 186

A DIMENSÃO TÉCNICO-OPERATIVA DO EXERCÍCIO PROFISSIONAL DO SERVIÇO SOCIAL NO HOSPITAL GERAL DE TAPEROÁ: UM ESTUDO DE CASO

Roberta Clévia Malaquias de Oliveira
Anarita de Souza Salvador
Kátia Gerlânia Soares Batista

DOI 10.22533/at.ed.45520210114

CAPÍTULO 15 196

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UMA ANÁLISE JURÍDICA

Edinilza da Silva Machado Medeiros
Andréia de Oliveira Silva
Carlana Faria Rocha
Flávio Marcelo Rodrigues Bruno

DOI 10.22533/at.ed.45520210115

CAPÍTULO 16 205

PREVALÊNCIA DOS TIPOS DE VIOLÊNCIA FÍSICA AO LONGO DA VIDA E NOS ÚLTIMOS 12 MESES: ESTUDO EM UMA MATERNIDADE

Bruna Venturin
Franciéle Marabotti Costa Leite
Dherik Fraga Santos
Edleusa Gomes Ferreira Cupertino
Mariana Zoboli Ambrosim
Luíza Eduarda Portes Ribeiro
Jasmine Cristina Soares Xavier
Maria Luiza Cunha Santos
Joyce Ferreira Reis
Solange Drummond Lanna

DOI 10.22533/at.ed.45520210116

CAPÍTULO 17 215

PREVALÊNCIA DOS TIPOS DE VIOLÊNCIA SEXUAL PERPETRADA CONTRA MULHER

Mayara Alves Luis
Franciéle Marabotti Costa Leite
Ranielle de Paula Silva
Karina Rosa Paiva
Tamires Paulo Ceccon
Karina Fardin Fiorotti
Dherik Fraga Santos
Odelle Mourão Alves
Getúlio Sérgio Souza Pinto

DOI 10.22533/at.ed.45520210117

CAPÍTULO 18 225

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER PERPETRADA PELO PARCEIRO ÍNTIMO NA VIDA E NO ÚLTIMO ANO

Franciéle Marabotti Costa Leite
Ranielle de Paula Silva
Mayara Alves Luis
Odelle Mourão Alves
Letícia Peisino Buleriano
Sthéfanie da Penha Silva
Gracielle Pampolim
Márcia Regina de Oliveira Pedroso
Fábio Lúcio Tavares

DOI 10.22533/at.ed.45520210118

CAPÍTULO 19 236

QUALIDADE DE VIDA DE ESTOMIZADOS: UMA INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA

Maurício Almeida
Mauro Lúcio de Oliveira Júnior
Rodrigo Silva Nascimento
Keveenrick Ferreira Costa
Priscila Figueiredo Campos

DOI 10.22533/at.ed.45520210119

CAPÍTULO 20 251

MEDIAÇÃO NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA: UMA OPÇÃO À AMPLIAÇÃO DA EFICIÊNCIA ADMINISTRATIVA

Fernanda Schuhli Bourges

DOI 10.22533/at.ed.45520210120

CAPÍTULO 21 266

GESTÃO ESTRATÉGICA E ORGANIZACIONAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE EMPRESAS DOS SETORES FINANCEIRO E CERÂMICO

Andrey Teixeira
César Niero
Eduardo de Sousa Gaspar
Eduardo Pavan Rodrigues
Hildebrando da Rocha de Souza Neto
Ian Nunes
Jean Bergmam
João Vitor Correa Bressan
Larissa Pereira
Lucas Buratto
Marcelo Henrique Antonin
Richardy Willian Felisberto

DOI 10.22533/at.ed.45520210121

CAPÍTULO 22 284

GUIA ELETRÔNICO DESCRITIVO DAS ATRIBUIÇÕES E ATIVIDADES EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA CURITIBA/PR DESCRIPTIVE ELECTRONIC GUIDE OF DUTIES AND ACTIVITIES IN A PUBLIC INSTITUTION CURITIBA/PR

Patricia de Matos

DOI 10.22533/at.ed.45520210122

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 23 | 290 |
| CARACTERIZAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES INTERNACIONAIS SOBRE CAPITAL PSICOLÓGICO (<i>PSYCAP</i>) Valeria Araujo Furtado DOI 10.22533/at.ed.45520210123 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR | 309 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 310 |

PREVALÊNCIA DOS TIPOS DE VIOLÊNCIA FÍSICA AO LONGO DA VIDA E NOS ÚLTIMOS 12 MESES: ESTUDO EM UMA MATERNIDADE

Data de aceite: 06/01/2020

Bruna Venturin

Mestranda em Epidemiologia. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas – RS.

Franciéle Marabotti Costa Leite

Doutora em Epidemiologia (UFPel). Professora do Departamento de Enfermagem - UFES. Vitória, Espírito Santo.

Dherik Fraga Santos

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva – UFES. Vitória, Espírito Santo.

Edleusa Gomes Ferreira Cupertino

Vigilância Epidemiológica da Secretaria de Estado de Saúde do Espírito Santo. Vitória – ES.

Mariana Zoboli Ambrosim

Acadêmica de Enfermagem. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória – ES.

Luíza Eduarda Portes Ribeiro

Acadêmica de Enfermagem. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória – ES.

Jasmine Cristina Soares Xavier

Acadêmica de Enfermagem. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória – ES.

Maria Luiza Cunha Santos

Acadêmica de Enfermagem. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória – ES.

Joyce Ferreira Reis

Acadêmica de Enfermagem. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória – ES.

Solange Drummond Lanna

Enfermeira. Especialista em Epidemiologia. Núcleo de Prevenção à Violência da Prefeitura Municipal de Vitória. Vitória – ES.

RESUMO: Introdução: A violência contra a mulher é considerada um grave problema de saúde pública e pode ocorrer em qualquer etapa da vida. Objetivo: Estimar as prevalências dos tipos de violência física contra mulheres, cometida por parceiro íntimo, ao longo da vida e nos últimos 12 meses. Metodologia: Estudo descritivo, realizado em uma maternidade municipal da Grande Vitória, Espírito Santo, no período de agosto a outubro de 2017. Foram entrevistadas 330 puérperas. A análise foi feita através do pacote estatístico Stata versão 15.0, apresentando frequências brutas e relativas com seus respectivos intervalos de confiança. Resultados: Os achados referentes à violência física ao longo da vida, cometida pelo parceiro íntimo contra a mulher, variou de 3,0% a 23,0%, enquanto nos últimos 12 meses a prevalência foi de 0,6% a 4,9%. Conclusão: A violência física, praticada pelo parceiro íntimo, pode apresentar-se de diferentes formas. Profissionais que assistem à mulher devem em seus atendimentos buscar rastrear esse fenômeno e romper com esse ciclo.

PALAVRAS-CHAVE: Violência contra a mulher. Violência por Parceiro Íntimo. Maus-

1 | INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher consiste em um fenômeno complexo e multicausal, que tem dentre seus principais pilares a dominação simbólica masculina. Nesse sentido, na perspectiva de gênero, se entende o fato da violência ocorrer motivada pelas demonstrações de desigualdades baseadas na categoria de sexo, a qual começa na família, onde as relações de gênero se constituem no padrão de relações hierárquicas (BANDEIRA, 2014). Dessa maneira, nesse cenário de relações desiguais, emergem as diversas situações de violência.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a violência é classificada como o uso da força física ou do poder real e ameaça, contra si mesmo, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resultem ou possam causar lesões, óbito, dano psicológico, prejuízo no desenvolvimento ou privação (KRUG *et al.*, 2002). Sendo, a violência física o uso da força física de forma intencional, não acidental expressos em agressões de várias formas, com a finalidade de causar lesão, dor, ferimento, sofrimento ou destruir a pessoa, deixando ou não, marcas evidentes no seu corpo (BRASIL, 2016).

Estudo de base populacional realizado em mais de 40 países do mundo, aponta a prevalência de violência física pelo parceiro íntimo ao longo na vida no intervalo de 10% a 69% (KRUG *et al.*, 2002). No Brasil, a prevalência de violência física foi estimada em 58,6% ao longo da vida e para a ocorrência nos últimos 12 meses em 32,0% em Brasília (MOURA *et al.*, 2009). Em Vitória (ES) a prevalência de violência física entre mulheres usuárias da atenção primária foi de 39,3% ao longo da vida (SANTOS, 2017).

A experiência de vivenciar a violência é considerada um grave problema de saúde pública pela OMS. Esse evento pode ocorrer em qualquer etapa da vida da mulher e causar inúmeros impactos negativos em sua saúde (AUDI *et al.*, 2008), dentre as quais danos físicos e mental (GUEDES; DA SILVA; DA FONSECA, 2009; CASIQUE; FUREGATO, 2006; FRAZÃO *et al.*, 2019), levando mulheres em situação de violência à procurar pelos serviços de saúde (AUDI *et al.*, 2008).

Nesse contexto, é de suma importância que os profissionais que assistem a essas mulheres estejam capacitados para o reconhecimento da ocorrência da violência e suas repercussões, a fim de promover o adequado manejo e acompanhamento dos casos (AUDI *et al.*, 2008). Ainda, é importante destacar que políticas e ações voltadas aos profissionais para o atendimento e acompanhamento das mulheres em situação de violência devem ser alicerçadas em uma assistência integral, ética e qualidade, visando a resolutividade dos casos e a autonomia das

vítimas (BANDEIRA, 2014).

Desse modo, diante do exposto o presente estudo teve como objetivo de estimar as prevalências dos tipos de violência física contra mulheres, cometida por parceiro íntimo, ao longo da vida e nos últimos 12 meses.

2 | MÉTODO

Estudo descritivo, realizado em uma maternidade municipal da Grande Vitória, Espírito Santo (ES). Participaram do estudo 330 puérperas com, no mínimo, 24 horas de pós-parto e que tivessem tido, pelo menos um parceiro íntimo durante a gestação. Definiu-se parceiro íntimo como companheiro ou ex-companheiro, independente da união formal, e namorados atuais, desde que mantendo relações sexuais. A coleta de dados ocorreu no período de agosto a outubro de 2017, em local privativo, com presença apenas da entrevistada e da entrevistadora. Após a entrevista, um folder detalhado como um material educativo e de suporte, contendo os principais serviços de atendimento às mulheres em situação de violência.

A entrevista foi feita utilizando um formulário contendo variáveis sociodemográficas (faixa etária, raça/cor, escolaridade e situação conjugal) e para o rastreamento da violência física ao longo da vida e nos últimos 12 meses foi aplicado o instrumento da Organização Mundial de Saúde (OMS), validado para uso no Brasil, intitulado “*World Health Organization Violence Against Women (WHO VAW)*” (SCHRAIBER *et al.*, 2010).

As análises foram realizadas com o pacote estatístico *Stata* versão 15.0. Os dados obtidos são apresentados por meio de tabelas com frequências brutas, relativas e seus respectivos intervalos de confiança.

Conforme os preceitos éticos vigentes, o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo (Parecer nº 2.149.430). Foi assinado termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

3 | RESULTADOS

A tabela 1 apresenta a caracterização da amostra. Constata-se que mais da metade das participantes do estudo (58,5%) tinham até 24 anos de idade, 87,9% se declararam não brancas e 64,2% das mulheres tinham nove anos ou mais de estudo. Cerca de 52,0% viviam com o companheiro em união consensual, no entanto, não eram casadas (Tabela 1).

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica das puérperas internadas em uma maternidade pública. Espírito Santo, agosto a outubro de 2017. (N= 330)

| Variáveis | n | % | IC 95% |
|----------------------------|-----|------|-------------|
| Faixa Etária | | | |
| Até 24 anos | 193 | 58,5 | 53,1 – 63,7 |
| 25 anos ou mais | 137 | 41,5 | 36,3 – 46,9 |
| Raça/Cor | | | |
| Branca | 40 | 12,1 | 9,0 – 16,0 |
| Não branca | 290 | 87,9 | 83,9 – 91,0 |
| Escolaridade (anos) | | | |
| 0 a 8 | 118 | 35,8 | 30,7 – 41,1 |
| 9 ou mais | 212 | 64,2 | 58,9 – 69,2 |
| Situação Conjugal | | | |
| Casada | 93 | 28,2 | 23,6 – 33,3 |
| União Consensual | 172 | 52,1 | 46,7 – 57,5 |
| Solteira | 65 | 19,7 | 15,7 – 24,4 |

A distribuição dos tipos de violência física é apresentada na Tabela 2. Do total de entrevistadas que relataram episódios de violência física ao longo da vida, 21,5% declararam que a agressão ocorreu por meio de tapa ou objeto que poderia ter lhe machucado; 23,0% foram empurradas pelo companheiro; 14,0% declararam terem sido machucadas por um soco ou objeto; 8,8% foram agredidas com chute ou surradas; 3,0% estranguladas ou queimadas e 9,4% foram ameaçadas ou já estiveram frente à arma, faca ou outro tipo de arma.

Nos últimos 12 meses, a violência física perpetrada pelo parceiro íntimo, foi apontada por 4,9% das mulheres que vivenciaram o tapa ou objeto que poderia ter lhe machucado; 4,6% foram empurradas; 3,9% machucadas por um soco ou objeto; 2,4% agredidas com chute ou surradas; 0,6% declararam que foram estranguladas ou queimadas e 2,1% foram ameaçadas ou já estiveram frente à arma, faca ou outro tipo de arma.

Tabela 2 – Prevalências dos tipos de violência física ao longo da vida e nos últimos 12 meses, praticada pelo parceiro íntimo. Espírito Santo, agosto a outubro de 2017. (N= 330)

| Variáveis | Ao longo da vida | | | Nos últimos 12 meses | | |
|--|------------------|------|-----------|----------------------|------|-----------|
| | N | % | IC95% | N | % | IC95% |
| Deu-lhe um tapa ou jogou algo em você que poderia machucá-la? | | | | | | |
| Não | 259 | 78,5 | 73,5-82,6 | 314 | 95,1 | 92,2-97,0 |
| Sim | 71 | 21,5 | 17,4-26,3 | 16 | 4,9 | 3,0-7,8 |
| Empurrou-a ou deu-lhe um tranco/chacoalhão? | | | | | | |
| Não | 254 | 77,0 | 72,1-81,2 | 315 | 95,4 | 92,6-97,2 |
| Sim | 76 | 23,0 | 18,8-27,9 | 15 | 4,6 | 2,8-7,4 |
| Machucou-a com um soco ou com algum objeto? | | | | | | |
| Não | 284 | 86,0 | 81,9-89,4 | 317 | 96,1 | 93,3-97,7 |
| Sim | 46 | 14,0 | 10,6-18,1 | 13 | 3,9 | 2,3-6,7 |
| Deu-lhe um chute, arrastou ou surrou você? | | | | | | |
| Não | 301 | 91,2 | 87,6-93,8 | 322 | 97,6 | 95,2-98,8 |
| Sim | 29 | 8,8 | 6,2-12,4 | 08 | 2,4 | 1,2-4,8 |
| Estrangulou ou queimou você de propósito? | | | | | | |
| Não | 320 | 97,0 | 94,4-98,4 | 328 | 99,4 | 97,6-99,8 |
| Sim | 10 | 3,0 | 1,6-5,6 | 02 | 0,6 | 0,2-2,4 |
| Ameaçou usar ou realmente usou arma de fogo, faca ou outro tipo de arma contra você? | | | | | | |
| Não | 299 | 90,6 | 88,9-93,3 | 323 | 97,9 | 95,6-98,9 |
| Sim | 31 | 9,4 | 6,7-13,1 | 07 | 2,1 | 1,0-4,4 |

4 | DISCUSSÃO

Os achados do presente estudo mostram a prevalência dos tipos de violência física, cometida pelo parceiro íntimo, contra a mulher variando de 0,6% a 23,0% entre as puérperas entrevistadas ao longo da vida e nos últimos 12 meses.

Ao analisar os achados referentes à violência física ao longo da vida, nota-se que variou de 3,0% a 23,0%. Esses achados corroboram os estudos desenvolvidos internacionalmente e nacionalmente (BRUSCHI; DE PAULA; BORDIN, 2006; MIRANDA; DE PAULA; BORDIN, 2010; VIZCARRA *et al.*, 2001; LEITE *et al.*, 2017), e, revelam a violência física como um fenômeno de alta frequência mesmo diante dos esforços para o seu enfrentamento (SCHRAIBER *et al.*, 2007).

Quanto aos dados da frequência desse abuso praticado pelo parceiro íntimo nos últimos 12 meses, o mesmo variou de 0,6% a 4,9%. Esses achados divergem aos encontrados em estudos nacionais onde os autores encontraram entre puérperas atendidas em uma maternidade de alto risco prevalência de 7,6% de violência física praticada pelo companheiro nos últimos 12 meses, e, estudo realizado em uma maternidade de Recife (PE) que encontrou percentual de 13,1% (FIOROTTI *et al.*, 2018; MENEZES *et al.*, 2003). Alguns estudos apresentam a gravidez como um fator de proteção à violência, principalmente a física devido a diminuição da prevalência desse fenômeno (SILVA *et al.*, 2011; MENEZES *et al.*, 2003), como no estudo

realizado em Recife (PE) com o objetivo de estimar a prevalência de violência por parceiro íntimo antes e durante a gestação e no pós-parto, a violência física diminuiu aproximadamente 50% durante a gestação. Apesar de ainda estar em discussão em muitos estudos, pois muitos revelam a não alteração da ocorrência durante a gestação (MARTIN *et al.*, 2001).

A violência contra as mulheres são manifestações da desigualdade de gênero da sociedade atual e influenciam na sobrevivência das mulheres e em suas questões de saúde. A violência contra a mulher é reflexo dos contextos de dominação do ser masculino que possui a visão de posse e dominação sob o corpo feminino utilizando-se da força como dominação (GUEDES; DA SILVA; DA FONSECA, 2009). Nesse cenário, é relevante destacar que agressões físicas cotidianamente repercutem negativamente nas condições de saúde das mulheres, tanto fisicamente com traumatismos (fraturas, hemorragias e deformidades), quanto na saúde psicológica (MIRANDA; DE PAULA; BORDIN, 2010).

Ainda, os resultados remetem a uma reflexão acerca da vivência da violência física conjugal, ou seja, aquela praticada pelo parceiro íntimo. A experiência desse fenômeno gera nas mulheres sentimentos de impotência, decepção, desamor e desesperança, uma vez que é no casamento que geralmente as mulheres idealizam e sonham concretizar o conceito de constituição do lar, família e sucesso amoroso (GUEDES; DA SILVA; DA FONSECA, 2009).

No presente estudo, nota-se que a forma mais frequente de violência física ao longo da vida praticada pelo parceiro foi o empurrão (23,0%) seguido do tapa (21,5%). Enquanto que a forma mais frequente de violência física nos últimos 12 meses foi primeiramente ter levado o tapa ou ter sido arremessado um objeto (4,9%) e em seguida ter sido empurrada (4,6%). Achados que estão em consonância com os dados revelados em pesquisa realizada em uma maternidade no Recife (MENEZES *et al.*, 2003). Conforme definição do protocolo utilizado em estudo multicêntrico pela OMS, tais resultados apontam para maiores prevalências de violências físicas de gravidade moderada (empurrão e o tapa). E, como afirmado por Anacleto *et al* (2009), estudos de cunho epidemiológico parecem detectar melhor os casos de violência física moderada, o que vai ao encontro do presente estudo, visto que a frequência da violência de gravidade moderada foi maior (GARCIA-MORENO *et al.*, 2005; ANACLETO *et al.*, 2009).

Em relação às violências de maior gravidade como o soco e o estrangulamento (GARCIA-MORENO *et al.*, 2005), o primeiro foi o mais prevalente, sejam ao longo da vida (14,0%) ou nos últimos 12 meses (3,9%). E o estrangulamento de menor frequência apresentando um percentual de 3,0% ao longo da vida e 0,6%, nos últimos 12 meses, resultados que são semelhantes ao encontrado por pesquisa realizada no Brasil por Moraes *et al* 2010 na cidade do Rio de Janeiro, em que se constata uma

prevalência de 14,0% de violência contra a mulher de maior gravidade (MORAES *et al.*, 2010).

Outra questão ao se discutir a violência física contra a mulher praticada pelo companheiro, é refletir a desigualdade social e de gênero no casamento, uma vez que se rotulam os papéis de homens e mulheres dentro dessa relação, onde a mulher é resultado da delicadeza, sensibilidade, subordinação e obediência enquanto o homem é o responsável, o corajoso, o agressivo e reprodutível (GOMES *et al.*, 2007; MENEGHEL *et al.*, 2000). O agressor, detentor da força física expõe à vítima à humilhação ferindo sua dignidade e perda de identidade (MENEGHEL *et al.*, 2000).

Continuando a reflexão, percebe-se que a violência enquanto fruto de uma desigualdade de gênero e da ameaça ao poder patriarcal, faz com que o agressor veja a mulher como sua propriedade e sinta o direito de punir a mesma (GOMES *et al.*, 2007; MENEGHEL *et al.*, 2000). A mulher fica exposta à diferentes formas de violência física, muitas vezes uma violência de certo modo invisível, visto que a ocorrência dos episódios se dá em ambiente privado (DESLANDES, 2002; DESLANDES, 1999).

Outra questão a ser destacada é que mulheres que vivenciam violência doméstica estão sob risco de femicídio. Por esse motivo, é fundamental sua proteção e a de seus filhos (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2013). Assim, dentre os mecanismos para reduzir o risco de femicídio, está o investimento na avaliação do risco em vários pontos da rede de cuidado, a prevenção da violência íntima, a limitação da disponibilidade de armas de fogo e a oferta de suporte psicológico e econômico às mulheres em situação de risco (STOCKL *et al.*, 2013)

E tratando-se das armas de fogo, constata-se no presente estudo que a ao longo da vida, 9,4% das mulheres sofreram ameaça ou foram submetidas ao uso de arma de fogo pelo parceiro íntimo e nos últimos 12 meses a prevalência foi de 2,1%. O achado corrobora com estudo realizado em Zona da Mata de Pernambuco que aponta que 12,4% das mulheres que moravam na Zona da Mata de Pernambuco foram ameaçadas ou o parceiro íntimo utilizou arma de fogo ao longo da vida e 3,5% nos últimos 12 meses (SCHRAIBER *et al.*, 2007).

Enfim, vivenciar a violência doméstica traz consequências danosas para a vida da mulher, pois, impacta negativamente em sua saúde e qualidade de vida, bem como, reflete progressivamente na perda da rede de apoio, tornando as vítimas mais vulneráveis e com poucas formas de enfrentamento a esse agravo, sendo cada vez mais difícil romper este ciclo (RIBEIRO; COUTINHO, 2011). Nesse contexto, os serviços de atendimento às mulheres, como o serviço de saúde, devem estar atentos à promoção de um cuidado integral, além de instrumentalizados para o manejo dos casos de violência, atuando nas estratégias de prevenção à violência e notificação dos casos, de modo a contribuir com a interrupção do evento (COSTA *et al.*, 2013).

Cabe destacar a violência como um fenômeno social, sendo de relevância a

atuação de uma equipe interdisciplinar no atendimento individual, familiar ou grupal facilitando a orientação das mulheres à procura por assistência, assim como, na formulação, execução e gestão de políticas públicas e sociais no combate à violência contra a mulher (LISBOA; PINHEIRO, 2005). Ainda, vale ponderar que os profissionais que promovem esse cuidado à vítima devem prover a escuta das demandas e não se concentrarem apenas no cuidado biomédico, compreendendo a complexidade do evento (SCHRAIBER; D'OLIVEIRA, 1999).

Como limitação do estudo é possível citar o viés de informação, todavia, é importante destacar que as entrevistas foram realizadas em ambiente privado, onde as entrevistadas ficavam face a face com a entrevistadora, minimizando assim este viés.

5 | CONCLUSÃO

O presente estudo revela a importância de pesquisas sobre violência contra a mulher praticada pelo parceiro íntimo. Pode-se concluir que a violência física está presente ao longo da vida da mulher em suas diferentes formas e magnitude.

Profissionais de saúde, bem como, de outras áreas como assistência social, educação e segurança possuem um papel de suma importância não somente no rastreamento do agravo, mas no manejo de ruptura do ciclo de violência, bem como, nas ações de enfrentamento e prevenção. Assim, a formação e sensibilização desses profissionais, acerca da temática violência contra a mulher, é de suma importância de modo a instrumentalizá-los para uma assistência qualificada e integral a vítima.

6 | FINANCIAMENTO

Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES). Edital FAPES/CNPq nº: 04/2017. Processo nº: 106/2017

REFERÊNCIAS

ANACLETO, A. J. et al. Prevalência e fatores associados à violência entre parceiros íntimos: um estudo de base populacional em Lages, Santa Catarina, Brasil, 2007. **Cad Saúde Pública**, v. 25, p. 800-808, 2009.

AUDI, C. A. F. et al. Violência doméstica na gravidez: prevalência e fatores associados. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 42, n. 5, p. 877-885, 2008.

ÂNGULO-TUESTA, A. J. Violência no âmbito doméstico: a perspectiva dos profissionais de saúde [Dissertação]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública; 1997.

BANDEIRA, L. M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Sociedade e Estado**, v. 29, n. 2, p. 449-469, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Viva: instrutivo de notificação de violência interpessoal e**

autoprovocada. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

BRUSCHI, A.; DE PAULA, C. S.; BORDIN, I. A. S. Prevalência e procura de ajuda na violência conjugal física ao longo da vida. **Revista de Saúde Pública**, v. 40, p. 256-264, 2006.

CAICEDO-ROA, M. et al. Femicídios na cidade de Campinas, São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v. 35, n. 6, p. 1-11, 2019.

CARNEIRO, J. F. et al. Violência física pelo parceiro íntimo e uso inadequado do pré-natal entre mulheres do Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 19, p. 243-255, 2016.

CASIQUE, L. C.; FUREGATO, A. R. F. Violência contra mulheres: reflexões teóricas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 14, n. 6, 2006.

COSTA, D. A. C. et al. Assistência multiprofissional à mulher vítima de violência: atuação de profissionais e dificuldades encontradas. **Cogitare Enfermagem**, v. 18, n. 2, 2013.

DESLANDES, S. F. A violência como realidade e desafio aos serviços de saúde. **Frágeis deuses: profissionais da emergência entre os danos da violência e a recriação da vida.** Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, p. 11-26, 2002.

DESLANDES, S. F. O atendimento às vítimas de violência na emergência: "prevenção numa hora dessas?". **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 4, p. 81-94, 1999.

D'AVOLIO, D. et al. Screening for abuse: Barriers and opportunities. **Health Care for Women International**, v. 22, n. 4, p. 349-362, 2001.

DE OLIVEIRA, B. G. et al. Responsabilidade dos profissionais de saúde na notificação dos casos de violência. **Revista Bioética**. Brasília, v.26, n.3. 2018.

FINNBOGADÓTTIR, H.; DYKES, A. K.; WANN-HANSSON, C. Prevalence of domestic violence during pregnancy and related risk factors: a cross-sectional study in southern Sweden. **BMC women's health**, v. 14, n. 1, p. 63, 2014.

FIOROTTI, K. F. et al. Prevalência e fatores associados à violência doméstica: estudo em uma maternidade de alto risco. **Texto Contexto Enferm**, v. 27, n. 3, p. 1-11.

FRAZÃO, M. C. L. de O. et al. Violência em mulheres com diagnóstico de depressão. **REME rev. min. enferm**, p. e-1174, 2019.

GARCIA-MORENO, C. et al. WHO multi-country study on women's health and domestic violence against women: initial results on prevalence, health outcomes and women's response. Geneva: World Health Organization, 2005.

GARCIA-MORENO, C. Dilemmas and opportunities for an appropriate health-service response to violence against women. **The Lancet**, v. 359, n. 9316, p. 1509-1514, 2002.

GOMES, N. P. et al. Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. **Acta Paul Enferm**, v. 20, n. 4, p. 504-8, 2007.

GUEDES, R. N.; DA SILVA, A. T. M. C.; DA FONSECA, R. M. G. S. A violência de gênero e o processo saúde-doença das mulheres. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 13, n. 3, p. 625-631, 2009.

KRUG, E. G. et al. The world report on violence and health. **The lancet**, v. 360, n. 9339, p. 1083-1088, 2002.

LEITE, F. M. C. et al. Violência contra a mulher em Vitória, Espírito Santo, Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 51, p. 1-12, 2017.

LISBOA, T. K.; PINHEIRO, E. A. A intervenção do Serviço Social junto à questão da violência contra a mulher. **Revista Katálysis**, v. 8, n. 2, p. 199-210, 2005.

MENEZES, T. C. et al. Violência física doméstica e gestação: resultados de um inquérito no puerpério. **RBGO**, v. 25, n. 5, p. 309-16, 2003.

MIRANDA, M. P. de M.; DE PAULA, C. S.; BORDIN, I. A. Violência conjugal física contra a mulher na vida: prevalência e impacto imediato na saúde, trabalho e família. **Revista Panamericana de Salud Publica**, v. 27, p. 300-308, 2010.

MORAES, C. L.; ARANA, F. D. N.; REICHENHEIM, M. E. Violência física entre parceiros íntimos na gestação como fator de risco para a má qualidade do pré-natal. **Revista de Saúde Pública**, v. 44, p. 667-676, 2010.

MOURA, L. B. A. et al. Violências contra mulheres por parceiro íntimo em área urbana economicamente vulnerável, Brasília, DF. **Revista de Saúde Pública**, v. 43, p. 944-953, 2009.

O'DOHERTY, L. et al. Screening women for intimate partner violence in healthcare settings. **Cochrane database of systematic reviews**, n. 7, 2015.

RIBEIRO, C. G.; COUTINHO, M. da P. de L. Representações sociais de mulheres vítimas de violência doméstica na cidade de João Pessoa-PB. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 3, n. 1, 2011.

SANTOS, I. B. **Violência Contra a Mulher ao Longo da Vida: Estudo Entre Usuárias da Atenção Primária**. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo.

SCHRAIBER, L. B.; D'OLIVEIRA, A. F. L. P. Violência contra mulheres: interfaces com a saúde. **Interface-comunicação, saúde, educação**, v. 3, p. 13-26, 1999.

SCHRAIBER, L. B. et al. Violência contra a mulher: estudo em uma unidade de atenção primária à saúde. **Revista de Saúde Pública**, v. 36, p. 470-477, 2002.

SCHRAIBER, L. B. et al. Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 41, p. 797-807, 2007.

SCHRAIBER, L. B.; D'OLIVEIRA, A. F. P. L.; COUTO, M. T. Violência e saúde: contribuições teóricas, metodológicas e éticas de estudos da violência contra a mulher. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 25, p. s205-s216, 2009.

SCHRAIBER, L. B. et al. Validity of the WHO VAW study instrument for estimating gender-based violence against women. **Revista de Saúde Pública**, v. 44, n. 4, p. 658-666, 2010.

SILVA, E. P. et al. Frequência e padrão da violência por parceiro íntimo antes, durante e depois da gravidez. **Revista de saúde Pública**, v. 45, p. 1044-1053, 2011.

SILVERMAN, J. G. et al. Intimate partner violence victimization prior to and during pregnancy among women residing in 26 US states: associations with maternal and neonatal health. **American journal of obstetrics and gynecology**, v. 195, n. 1, p. 140-148, 2006.

STÖCKL, H. et al. The global prevalence of intimate partner homicide: a systematic review. **The Lancet**, v. 382, n. 9895, p. 859-865, 2013.

VIELLAS, E. F. et al. Fatores associados à agressão física em gestantes e os desfechos negativos no recém-nascido. **J. Pediatr.** Porto Alegre, v. 89, n. 1, p. 83-90, 2013.

VIZCARRA, M. B. et al. Violencia conyugal en la ciudad de Temuco: Un estudio de prevalencia y factores asociados. **Revista médica de Chile**, v. 129, n. 12, p. 1405-1412, 2001.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Responding to intimate partner violence and sexual violence against women: WHO clinical and policy guidelines**. Geneva: World Health Organization, 2013.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acm Neto 46, 65

Administração pública 27, 34, 179, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 284, 285, 292, 297, 298, 306

Amazônia legal 14, 16, 20, 23, 24, 25

B

Bibliometria 290

C

Capital psicológico 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 300, 306, 307, 308

Ciências sociais aplicadas 88, 266, 267

Comportamento organizacional positivo 290, 291, 293, 294, 300, 306

Comunicação 10, 111, 159, 214, 217, 255, 259, 265, 284, 285, 286, 288, 289

Consenso 52, 54, 71, 251, 255, 256, 259, 261, 263

Crescimento 15, 16, 17, 18, 20, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 59, 67, 68, 69, 73, 143, 148, 165, 224, 268, 274, 276, 277, 289, 307

D

Delitos sexuais 215

Desenvolvimento 1, 4, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 30, 32, 33, 37, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 58, 59, 61, 63, 65, 69, 72, 86, 89, 95, 97, 98, 99, 101, 128, 141, 147, 148, 154, 158, 174, 176, 177, 180, 184, 185, 188, 196, 206, 226, 234, 240, 251, 265, 271, 274, 281, 282, 287, 291, 292, 293, 294, 295, 306

Desigualdade 5, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 38, 41, 42, 43, 44, 47, 49, 50, 128, 129, 131, 134, 210, 211, 222, 231

Direito penal e violência obstétrica 197, 198

Direitos das mulheres 197, 198

E

Educação 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 27, 30, 43, 46, 49, 51, 52, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 91, 95, 99, 100, 109, 111, 130, 133, 134, 140, 146, 149, 184, 195, 212, 214, 221, 225, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 249, 251, 283, 290, 303, 306

Eficiência 9, 30, 35, 39, 43, 49, 167, 251, 252, 253, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 272

Empresas atrativas 137

Enfrentamento da pobreza 46, 48

Engenharia de produção 266, 267, 282

Epidemiologia 196, 205, 206, 213, 215, 223, 225, 234

Estomizados 236, 237, 238, 240, 242, 245, 246, 248, 249

Estratégia 25, 52, 53, 55, 64, 83, 166, 184, 223, 231, 234, 267, 268, 269, 270, 271, 273, 275, 276, 280, 281, 282

Exercício profiíssional 186

G

Gestão e mapeamento de processos 284

Guia descritivo de atividades 284

I

Industria cerâmica 267

L

Legalização 112, 113, 119, 122, 123

Longevidade 14, 16, 18, 19, 20, 22, 23, 24

M

Maus-tratos conjugais 205, 215, 226

Mediação 189, 251, 252, 255, 256, 259, 260, 261, 263, 265

Mercado financeiro 267, 273, 275

Mulheres no mercado de trabalho 137, 140, 143

N

Negação de direitos 135, 151

O

Organizacional 49, 137, 138, 141, 142, 146, 148, 149, 150, 155, 266, 267, 271, 272, 273, 281, 282, 284, 285, 286, 287, 290, 291, 293, 294, 295, 296, 300, 303, 306, 307

Ostomia 236, 239, 249, 250

P

Participação 9, 26, 27, 34, 49, 91, 92, 110, 138, 140, 156, 184, 185, 217, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 259, 260, 261, 262, 263, 268, 272, 280, 281, 286

Patriarcalismo 112

Pesquisa qualitativa 53, 102, 143, 236, 240, 249, 272, 283

Pobreza 16, 17, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 128, 129, 133, 135, 136, 237

Política da saúde 186

Precarização do trabalho 151, 153, 172

Psicologia positiva 290, 291, 293, 294, 307

Psycap 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296

Q

Qualidade de vida 15, 17, 18, 32, 138, 146, 197, 211, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 245, 246, 248, 249, 250, 292

R

Renda 2, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 58, 59, 62, 63, 73, 79, 92, 134, 169, 170, 216

S

Saúde do trabalhador 151, 152, 153, 154, 157, 162, 163, 167, 168, 171, 172, 173

Serviço social 64, 126, 127, 136, 152, 160, 172, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 214, 309

U

União homoafetiva 112, 113, 114, 115, 117, 124, 125

V

Valores culturais 137, 138, 139, 141, 142, 144, 146, 148

Violência 95, 131, 134, 135, 136, 178, 182, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235

Violência contra a mulher 205, 206, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 222, 223, 225, 226, 227, 232, 233, 234, 235

Violência de gênero 131, 197, 212, 213, 215, 219, 220, 222, 223, 226, 233, 234

Violência doméstica 206, 211, 212, 213, 214, 215, 219, 226, 230, 231, 233, 234, 235

Violência no parto 197, 198, 204

Violência obstétrica 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204

Violência por parceiro íntimo 205, 210, 214, 226, 231, 233, 235

 **Atena**
Editora

2 0 2 0